

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Carolina Schiesari

Paper 2 - Florianópolis, 18 de outubro de 2021

IDIOMATERNO¹: O entrono de dentro para fora no contorno

Há tempos que as palavras rondam. As palavras, as línguas, as linguagens, o verbo. “No princípio era o verbo”, como diz a simbólica judaico-cristã. E é assim que este paper se inicia: A temática das palavras circundando e fazendo-se presente por meio delas mesmas.

Idiomaterno. Não se sabe se é um neologismo criado pela roteirista Isa Ferraz, pois não houve a aparição desta palavra em outras buscas realizadas por esta pesquisa. Pelas possibilidades simbólicas que traz, ela foi tomada emprestada para o desencadear de reflexões deste paper. À primeira vista, este termo parece ser somente a junção entre *idioma* e *materno*.

Contudo, um olhar mais demorado revela ainda outras imagens possíveis no encontro destas letras, dispostas nessa ordem. De etimologia grega, *idioma* quer dizer “característica própria”, assim como *idios*, que significa “privado, pessoal”. *Terno* advém do Latim *tener*, e pode ser traduzido como “suave, delicado” e dá origem à *ternura*. E, finalmente, *materno*, que diz respeito inicialmente à mãe. Mas, ampliando esta imagem a tangenciar o arquétipo materno diz também da germinação, gestação, criação.

Assim, numa busca de articular a língua ao arquétipo materno podemos considerar seu duplo aspecto: de criação e contenção. Partindo um ponto de vista mais micro, ou talvez, sociológico, é possível admitir que a concepção de um sujeito se dá também por meio do ambiente em que vive, sua família, contexto socioeconômico, momento histórico, crenças religiosas que o permeiam, sua cultura, sua língua. Tais fatores servem de constituintes de sua personalidade,

¹ Este termo aparece no documentário de mesmo nome, exibido no Museu da Língua Portuguesa (SP).

individualidade, subjetividade. Tomando-nos como exemplo, pensamos, sentimos, criamos, realizamos em Português. Teríamos aqui, a Língua Portuguesa enquanto geradora, enquanto provedora de criações e conexões.

Por outro lado, se tomarmos como ponto de partida a psique humana, que transpõe tempo e espaço, teríamos a língua enquanto mãe cerceadora. A palavra é limitada e limitadora. Restringe nosso pensar dentro de signos e regras preestabelecidos.

Toda criação vai precisar de um contorno para expressar seu entorno e simultaneamente, todo contorno sem entorno é morto. Simultaneamente toda palavra é criação e contenção a depender de quem pari por sua boca e sua mão.

É uma dança ambígua da língua enquanto mãe, que ora provê, ora restringe a possibilidade de expressão do vir a ser. Como diz Jung (2007) acerca do arquétipo materno em *Símbolos da transformação*, “[a mãe] que mata mas ao mesmo tempo representa a única possibilidade de proteção contra a morte porque ela também é a fonte da vida”. (O. C. V, §452).

A palavra viabiliza criar vaso que transporta a sede de vida. Embora não seja a água em si. Quem sabe possamos supor a água como conteúdos internos que clamam por compreensão, exteriorização, guarnição. De acordo com Jung (1987), “(...) a natureza instintiva do homem sempre colide com as barreiras culturais. Os nomes vão mudando, mas o fato permanece sempre o mesmo” (O. C. VII/1, §17). Tomemos a palavra *cafune* (palavra única do Português do Brasil) para ilustrar esses dizeres. Seria possível considerar que o espírito próprio que mora nela pode nos evocar a sensação de receber um carinho nos cabelos e, concorrentemente, a própria necessidade de expressar esse ato fez criar a palavra. *Cafune* dá vontade e a vontade gera *cafune*.

A imagem transcende a palavra. O símbolo transpõe o signo. A língua não circunscreve a psique. Paradoxalmente, é por ela que a psique consegue se expressar de modo a ser mais cognoscível perante o outro e ao meio. Esse conjunto de códigos concebido e estabelecido com o fim de tornar própria a comunicação de um determinado grupo, guarda em si um jeito específico de se relacionar com e no mundo. E, ao mesmo tempo, por ser um organismo vivo, sofre mutações todos os dias a depender da necessidade de comunicação e/ou diferenciação de seus falantes, que operam via equação pessoal.

Cabe aqui a retomada do *idioma*. É possível ampliarmos à compreensão de que refere-se àquilo que é peculiar de cada nação, população, sociedade. De que é

privado como se configurasse um delineamento do corpo de um povo, trazendo a possibilidade de este experienciar o mundo de modo único e que faz (ou busca) sentido para sua alma.

Que mania bonita é essa que temos de valorar e humanar as coisas, e as palavras. Parece ser um modo de nos aproximar da natureza, do mundo externo a nós, deixar o outro mais parecido e reconhecível aos nossos olhos. Há tantos jeitos possíveis, e a palavra é aquela que se empresta a tentar traduzir, ainda que insuficientemente, aquilo que mora dentro de nós. Torcer as letras e entrelaçar as palavras em novas combinações, fazer poesia, sair da métrica usual seria uma maneira criativa de experienciar a linguagem enquanto símbolo vivo. Diz Jung (2007):

“(...) o poeta narra a gradual incorporação da natureza externa no mundo subjetivo e a contaminação do objeto primário. (...) A posterior união panteísta-filosófica ou estética do homem civilizado e sensível com a natureza, vista em retrospectiva, é uma união com a mãe, que foi nosso primeiro objeto e com a qual um dia de fato formamos um ser único. Ela foi nossa primeira vivência de um exterior e ao mesmo tempo de um interior: do mundo interior surgiu uma imagem, aparentemente um reflexo da imagem materna exterior (...)” (O. C. V, §500)

As palavras rondam embarcadas em si mesmas, como num trem urobórico. Podem ajudar a ordenar nossos pensamentos, sentimentos. Favorecem o encaminhamento de imagens internas a prospectá-las e realizá-las concretamente. Facilitam na organização de conteúdos inconscientes. Transpassam a barreira temporal: podem revisitar o passado e imaginar futuros.

Numa ânsia em traduzir o intraduzível a palavra expira - e inspira. Faz-se, portanto, fundamental o convívio, a conversa, o relacionamento com outras vias. A falta de palavra convida novamente o intangível a procurar novas formas de expressão anímica. Assistir a um espetáculo de dança, por exemplo, pode trazer à tona sensações as quais não se pode explicar. A perda de alguém querido, por sua vez, pode convocar emoções anônimas, ininteligíveis. Em seu livro *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Jung (2019) traz que “Até mesmo a melhor tentativa de explicação não passa de uma tradução mais ou menos bem-sucedida para outra linguagem metafórica (de fato, a linguagem nada mais é do que imagem!)”. (O. C. IX/1, §271).

A metalinguagem a que esse paper se propôs, se revela fascinante e, incontestavelmente, fugidia. O modo como elegemos e nos servimos da palavra se relaciona com o modo como transitamos pelo mundo. Nossas experiências evocam, convidam, ressoam palavras e as palavras acordam, incitam e convocam as nossas experiências. Mas não só.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Idio em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/idiota/>> (acesso em 15 de setembro de 2021). *Idioma* em

<https://www.google.com/search?q=dicionario+idioma&rlz=1C5CHFA_enBR699BR700&sxsrf=AOae_mvK1utn5Yj04TddtOx1f3Gx3P5mJgw%3A1632086385186&ei=calHYYvcCovQ1sQP8rWuAU&oq=dicionario+idioma&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBQgAEIAEMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMggIABAWEAoQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB46BwgAEecQsAM6CAgAEIAEELEDOg4ILhCABBCxAxDHARDRAzoECCMQJzoHCAAQsQMQQzoECAAQzLCC4QgAQQsQMQkwI6DgguEIAEELEDEMcbBEK8BOggILhCABBCxAzoLCC4QgAQQxwEQrwE6BAguEEM6CggAELEDEIMBEEM6CwguELEDEMcbBEKMCOgUILhCABEoECEEYAFDeie0BWPDJ7QFgrtHtAWgEcAJ4AIBowGIAd8QkgEEMC4xOJgBAKABAcgBCMABAQ&scient=gws_wiz&ved=0ahUKEwjL2OzJ-4vzAhULqJUCHfKaC18Q4dUDCA8&uact=5> (acesso em 15 de setembro de 2021).

Idiomaterno pode ser assistido em

<<https://www.youtube.com/watch?v=2LNopxcBVms>> (acesso em 15 de setembro de 2021).

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo OC9/1**. Petrópolis: Vozes, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente OC 7/1**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação OC 5**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Ternura em <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/ternura/>> (acesso em 15 de

setembro de 2021).